

AS FONTES QUE ME INSPIRAM

Livro 72

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



OLHO DE FRENTE

É fácil me enganar quando não olho de frente. O compromisso que me motiva a aceitar as ausências e as saídas só multiplica as dores tornando insípida qualquer motivação. Sendo a vida continua, aquelas saídas levam consigo minhas sombras, elas vão por mim onde eu não vou. Uma memória guarda a melancólica verdade, me explica em seus delírios que construí meu passado ao acaso. Mastigo meu presente querendo reverter um adeus que deixou mistérios. Por um ideal que não sabe suas fronteiras, sou forasteiro que invade a realidade, com ossos que sustentam como que uma realidade suplente.

MINHA ESPERANÇA

Minha esperança, abrigo um estilo feito de poucas influências. Cada gesto me confirma a uma original, pretensiosa e fragmentada generalidade contrastando com minha mania de repetir. Produzo cuidados compostos e inovações singulares. Aposto novos estilos que me fazem entrar na vida levando em conta o elevado custo de viver.



GENTE

Quero falar de gente, dos que passam horas arrependidos quase morto, vivo posso iluminar com meu farol o caminho que levou o barco a porto seguro, posso remar a favor, entrar de acordo com os pássaros esquivos, objetivos. Falar da gente diversa, com a volúpia inserida na cena desguarnecida de sensatez, posso contar tudo, desde que encontre o lugar que ainda não encontrei.

SEDE

Não sairei daqui enquanto abundantes vontades se satisfaçam. Desejos se disfarçam de obrigações, imitam virtudes para que tuas malícias pareçam angelicais e tua sede de gozos fique ocultada nos meus excessos.



PRECIOSA MEMÓRIA

Naquela cena tudo se passava longe do previsto. Tudo o que se apresentava era fora da rotina. A perplexidade calava palavras e atos escondidos entre a tentação e o susto, ambos insistindo em ficar, enquanto pensava se haveria algo digno de tudo isso. Afinal, não estavam numa novela. Oxalá fosse forte para celebrar a vitória da vida frente daquela companhia que chamava tanta atenção. A duras penas se conteve, guardando uma preciosa memória.

IMPRESSÃO

Tenho a impressão de que me repito, menos do que aqueles que se limitam a seguir opiniões, copiando aos outros. Eles sabem de tudo, falam de tudo, opinam como especialistas de ocasião. Eles costumam carregar muitos povos ao desastre.



LIMITAR VÍCIOS

Limitada a extensão dos vícios não se desperdiçará a próxima hora, não fugirei, comprarei o pão, tomaremos o café até lembrar que morreremos inconclusos com a vida, sempre nos faltará algo. Faço uma reflexão para que a vida não se desprenda assim sem maiores motivos.

FAÇA

Faça comentários a favor dos meus sonhos, eles se alimentam do teu reconhecimento que encurta distâncias.



NÃO GASTE

Não gaste tuas amarguras comigo, emoções especiais se guardam para as memórias que valham a pena. Significados singulares marcam fundo, são difíceis de esquecer.

OS QUE ESCOLHEM O PIOR

Junto afetos relativos aos assuntos do desamor, sua promoção, multiplicação e solicitação. Indago solidões em profusão e devedoras companhias onde a afeição e a amizade se afundam no abismo da mútua má vontade. Entre os obrigados a fazer ou dar qualquer coisa, se preveem numerosas desistências. Promessas de cuidados não instalam legítimas harmonias. Há os que escolhem o pior, aqueles que superam a expectativa com atos deprimentes. Capazes de propiciar habituações, elevam o grau de imperfeição compatível com suas intenções. Propõem desafios, perigos, pedem sacrifícios exigindo provas aos mais ingênuos que a eles se submetem. Nada dizem sobre seus costumes, ocultam quem são até quando seja possível. Dão impulso à estagnação do amor, abrindo passagem à evolução do desamor. Vivem com ímpetos eufóricos, congelam e condenam a felicidade ao momento. Usam os que se deixam corromper. Sabem convencer, descartar, livram-se dos outros tratando-os como objetos, vivem da satisfação de seus serviços.

PLÁGIOS

Perdi tudo o que foi vivido, deixei-o em lugar ignorado. Saio com o propósito de incluir alguns adicionais. Não me pesará significar a dor, deixo tudo nos cantos da casa, ninguém seguirá meus rastros. Sem acordos, fujo da tentação de ficar. Recuso o plágio dessa despedida.



O QUE NUNCA TIVE

Exponho-me nas noites de carícias e pesquisas, ali as encontro férteis como as necessito, verto os excessos e me envolvo sem calcular o tamanho e a consequência, incauto sem perceber o perigo do amor que se manifesta exacerbado, faço extraordinário o tato. Elevo as energias e exalto a humildade que sensibiliza a intensidade, exacerbado a expectativa que a tudo excede. Assim fico doido por alcançar o que nunca tive. Haver sido escolhido importa, cegou-me, faço as carícias comuns que sei fazer. Animado viro

cúmplice dando um tom entre o amistoso que me une a tua companhia. Inauguro novidades, invento-te ser um novo sustento, despojado de ânsias e exageradas, obrigações. A intenção maior me trouxe um alívio, eliminou o meu desamparo.



TENTO E NÃO POSSO

Tenho uma perna mal comportada que insiste em não me obedecer, acaba-se o subterfúgio quando o repouso para meu mundo. Habitado por este tempo humano me associo ao declínio, essa vida dissoluta diariamente parece propositalmente decidida a escravizar-me nessa realidade. Mesmo assim, saúdo essa união que tenho com a vida, destino a parte que me toca cultivar. Monitoro meus princípios, pratico técnicas para não exaurir as emoções que se espalham para restaurar as fontes na sua tarefa diária de reiteração.

O QUE ME FALTA

Posso mencionar todas as fragilidades. Misturadas à vida, aos sofrimentos, às alegrias, caminham na mesma direção da vontade de sair adiante. Quando sofro uma dor suportável, me surpreendo ao sair dali sem padecimentos, ressuscitando admirável superação tirada do que aprendo. Dispenso desesperos, me afasto das contradições que não sei responder. Deixo em caução todos os meus segredos, delegados ao passado, a quem fiz fiel depositário.



MEU ÂNIMO

O destino que sempre associei à boa conduta tratou rapidamente de corrigir-me, mostrando que os maus também têm êxito e bom final. Mas essa não é a hora de chorar, porque jamais poderei corrigir um modelo que me foi passado e no qual acreditei. Não tomasse essa consciência, meu ânimo irado encontraria motivos

para renunciar minhas crenças. Antes que me pusesse em perigo, me proibi essas vãs tentações, permitindo-me somente as maiores, aquelas que reverberem dentro de mim e não me deixem culpado. Com meus desejos preservados intactos, mantenho a jovialidade e uma vontade de viver como se fosse dono da eternidade que pode durar uma hora ou um tempo qualquer.



AFLIÇÕES

As aflições que me habitam, tentam ser a razão de meu viver. Entendo-as como o motor de incômodos insistentes. Elas, como os conselhos, são incômodos invasivos, são cuidados postos fora de lugar, acabam sendo intromissões não solicitadas.

AFLIÇÕES DOIS

Uma antiga e sepultada memória guarda tudo como se fosse verdade, me explica meus delírios construindo o meu passado ao acaso, querendo reverter um adeus que deixou mistérios. Por ali, um ideal que não soube suas fronteiras como forasteiro invadiu a realidade. Viaja nos meus sonhos um fantasma de mim mesmo. Que imortal esse viver que deixar marcas e me faz gritar essas canções de ninar, tristes de chorar, querendo acabar com esses espantos, esses lutos delirantes que não encontram paz quando busco amparo nesse amor que é mais que amor, pedindo que me deixem em paz com todas estas saudades. Um perdão inventado por mim grita, afugenta essa assombrosa solidão que me reduz a uma falsa eternidade, a algumas penas que fazem meu o destino de todos.

Ossos desgastados pela vida me fazem recordar esses sonhos distantes, lembranças que são quase um desconsolo, uma resposta ao não realizado. Meu passado, esse escondido que vibra em mim, não me deixa perder de vista a inocente e real crença de que os sonhos ainda me alimentam.

TANTAS LEMBRANÇAS

Frequentam-me todas as lembranças, elas entram pelos ouvidos, pelos olhos, pela boca, pelo intestino, atravessam meus poros, minha adolescência, normas, regras, valores, espelhos. Exaltado, me disponho a ordená-las. Conto as diversas vezes em que diferentes ausências e presenças me trouxeram sentido à vida.



TOLERAR

Quando perco minha capacidade de tolerar busco fazer a correlação entre algum preconceito e uma retificação do meu passado, acredito que em ambas estou incluído. A necessidade de revitalizar meu equilíbrio sustenta que exista alguma relação entre eles, daí vivo a minha vida querendo comprometer terceiros naquilo que acredito, pois a confiança é um processo que envolve outros sentimentos e representações.

TENHO TANTA MEMÓRIA

Tenho tantas memórias que não cabem dentro de mim, delego, alugo espaço na história dos amigos. Feito amante, sensato, escolho o santo, a promessa e a pessoa em quem verter meus desejos achados e pedidos.



SAIDAS

Quando me faltam as lembranças, olho o lugar vazio, guardo nas rugas a marca que me resgata o conteúdo. Ao acaso, esquecido das penas e calculando quantas dores tolero, espero um pouco mais, sempre menos do que preciso, sabedor da diferença da dor e do prazer em meio a tantas urgências. Disfarçado minto que nada me acontecerá, embora trema sempre com o velho medo.

DOZE SÉCULOS

Tropeço em grandes dificuldades para trasladar minha confiança da infância à maturidade. Sempre me parece estranho substituir aqueles que foram meu Norte. Do excesso de zelo herdei o paladar e a convivência, sempre quero encaminhar meus modelos para uma realidade endividada. Isso atraí inúmeros risos de descrédito, acompanhados de ideias de que eu era tonto, tolo, enganado, iludido, sonhador. Passado por uma única peneira dos juízos exagerados, retrocedo ante tais descortesias. Disfarço de uma forma obrigatória e calo as verdades. Não posso perder substância nem substituir o que acredito. Uma mórbida crítica insiste em fazer-me desistir dos meus sonhos. Aprendi que o primeiro a fazer é preocupar-me com as próprias deficiências, deixando as dos demais para que eles as cuidem. Com esse pensamento, tropeço em muitos que acreditam que amar significa ocupar-se dos problemas negligenciados dos outros. Ainda que isto possa ser um modelo de dedicação, detido na reflexão, descubro ser esta uma temeridade a se evitar. Sempre e quando me solicitam para essa missão, delicadamente renuncio para não me condenar ao fracasso, não quero ser aquele que se ocupa de cuidar dos descuidos de quem insiste em não se cuidar. Nesses lugares inacessíveis da intimidade, guardam-se as dores que não são para serem curadas.

DIZER NÃO

Uma grande aspiração ficou gravada como uma invenção impossível, descartada. Daqui por diante, ainda que fragmentada, ela transporta um notável desvendamento do que a fidelidade é capaz de promover. Alarga a crença que tenho na vida, apoia a ousadia, dá-me o direito de dizer não, exila o desalento, dá voz a minha crítica emudecida, estende a duração da minha paciência.

Dizer-me não é uma vitória sobre a tentação, dá sentido ao presente que me serve de veículo, reescreve o tempo que me encaminha para o futuro. Dizer-me não interrompe benefícios imediatos, ensina-me o ritual da espera, inclui mistério às banalidades do sim, remove a rotina.

Introduzo o não como referência, início a diferença, fertilizo o sim me dando novo sentido como o de ultrapassar as armadilhas que nele se escondem dissimuladas.

A CHUVA POR TESTEMUNHA

Amanhece. Um dia chuvoso e eu feliz, parecendo contrariar o tempo pesado que insiste em me encharcar. Em silêncio, passo a passo, avanço escutando o habituado encontro da chuva com o chão, tal como discretos amantes. Uma inspiração genuína aparece como carta de apresentação, evita-me o anonimato. Embora tenha o que cuidar e o que fazer, não posso deixar de considerar fundamentais minhas próximas horas ao ocupar-me de tantas coisas: confirmar o fim abstrato da esperança, reafirmar atualidade a um amor acabado há 15 anos, insuspeita da justiça que atrasa 25 anos um veredito, burlar o fisco que extorque, oficializar um contrabando de esfomeados estrangeiros, encontrar 1.000 pais adotantes para 1.000 crianças depositadas por aí, e esquecidas, inventar origem e destino para aqueles que a vida ainda não pediu provas de existência, atrasar a morte em 12 jovens imprudentes, enlouquecidos que festejam e anunciam atos que precipitam seu fim, dar um intervalo em algum afogamento e amparo em algumas quedas, inventar a saúde como obrigatória em todos hospitais.

ATÉ O PRÓXIMO DIA

Só me ficou uma esperança imóvel, uma anulação fora de prazo, uma viagem não realizada, uma força de vontade sem definição, um rosto anônimo, um sorriso nobre e servil, uma simples, poderosa e ocultada paciência. Tudo feito carne, osso, e nervo, nomeado para não passar em branco.

O dia entra de forma inesperada, reclamando-me com justificada raiva esse ritual de anular-me antes do tempo. Ninguém me explica as surpresas, as decepções não têm importância, pertencem ao previsível, são variantes que convém esperar. O compromisso maior será ter a curiosidade de conhecer o próximo desconhecido, olhar a solidão de frente e dar-lhe um nome e uma cara para humanizá-la até a última penúria de hoje.

Ficam proibidos: a queixa, o mau humor, afrouxar no meio da luta. Há que ocupar-me da luz do dia, parar de mentir a mim mesmo, porque estes jamais serão o último pranto, o último livro, o último vinho; afinal, são acessórios, ainda que minhas eternas companhias, aquelas que me convencem a anunciar que começo um novo dia.

AS FONTES QUE ME INSPIRAM

As numerosas fontes que me inspiram a vida são alegorias a dar sentido à minha imaginação. Orientam uma sensibilidade que evoca o amor como referência explícita para torná-lo presente e convicto onde menos espero. Fico subordinado ao modo dele sempre refazer em mim novas tentativas. Todos os capítulos da minha vida são conservados como documento antigo. Neles reúno o não cumulativo que me faz singular, mensageiro da minha história em qualquer época; reagrupos os mil exílios que vivi. Esses guardados são como uma literatura não publicada, jorram das fontes que me inspiram, são fragmentos, uma quase antropológica maneira de tornar preciosa a única vida que me coube, para criar um enredo com possibilidades de refugiar-me em paz nas fontes que me inspiram.

ENTRE O PRESENTE E O FUTURO

Vi, por óbvio, toda a impossibilidade de saber o futuro. Não posso garantir nada que não seja conhecido no presente. Impregnado pelas coisas impossíveis que se me impõem, pela realidade, importo uma fantasia que mate a curiosidade alheia. O futuro, não me permite ver individuação alguma, nenhuma busca de indulto.



DAS OFERTAS

Ofereço-te meu amor, que é o único que tenho. Às vezes ele se declara, me contradiz, desfila como um herói sem rumo, como rei degradado, como um pobre ofendido. Fica supérfluo quando se instala onde não é chamado; humilhado e desprotegido, sobrevive, alimenta meus sonhos, vive de emprestar-me algumas restantes convicções, acaricia minhas fragilidades, acalma minhas dores, guarda o melhor para, à noite, dar sentido a meus sonhos.

Quero deixar de sonhar para encontrar na vigília algo que valha tanto quanto sonhar. Sem pretender

uma substituição plena, faço válido viver sonhando, intrometo meus sonhos na realidade até confundi-los, até misturar as nítidas fronteiras. Por essa capacidade de sonhar, magnifico o presente para sustentar o meu viver.

Reincidente na entrega, ainda me custa dizer-te o quanto te quero.



O QUE ME INVADE

Ando entre o triste e o curioso, é que um amor me invadiu quando eu menos esperava, lentamente me faz voar em várias direções, tendo medo de nunca me encontrar nessa terra conhecida que, de tanto tentar fazê-la minha, tornou-se uma aventura perdida.

Estive em mau estado, ouvi os rumores, contabilizei os passos esperando que fossem de algum mensageiro atravessando o pior para trazer-me novidades. Não sei bem o que esperar, uma involuntária impaciência me tira a paz, roubando-me a quietude. Em silêncio, por momentos posso ouvir todos os gemidos. Tudo se move em torno do momento em que pressinto o adeus.

Roberto Curi Hallal

